

O lápis e o Verbo

leitura livre dos processos de semantização e dessemantização tendo em vista a aprendizagem

Ana Cristina Fricke Matte¹

¹UFMG/Faculdade de Letras/Laboratório SEMIOTEC, anacrisfm@ufmg.br

Resumo: Este artigo traz, em linguagem livre, uma reflexão sobre o processo de produção de sentido como um aspecto dinâmico da relação entre o homem e o mundo. Os processos de dessemantização e ressemantização são aqui discutidos com foco na palavra escrita, tendo como pano de fundo o processo de ensino/aprendizagem, nesse excerto do livro Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre.

Palavras-chave: semiótica, ensino, aprendizagem, produção de sentido, escrita.

1. Introdução

Ah, como gostamos de falar em novas tecnologias na Educação... Mas existem alternativas que são novas e nem por isso são boas soluções. Como desenvolver redação, por exemplo, num sistema que só permite usar 140 caracteres? Eu poderia buscar adaptações, escrita em blocos, mas qual o motivo pedagógico de fazer isso? Novas tecnologias só são novas. Serão boas ou más, adequadas ou inadequadas dependendo de como as usarmos.

Este texto é um dos trechos introdutórios do livro Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre (MATTE, 2018). Seu objetivo é dar uma visão geral do problema que gerou o livro e, portanto, traz em si várias questões motivadoras para um debate entre educadores. Podemos, no entanto, resumir tudo em uma só questão:

Novas tecnologias na educação, novas tecnologias na pesquisa, novas tecnologias nas relações pessoais, novas tecnologias: novas em relação a que?

Ninguém costuma pensar em areia ou calçada como mídia para a linguagem verbal ou visual, mas por que não seriam? Essa questão traz embutidos alguns princípios semióticos que norteiam todas as decisões que construíram a trilha do Texto Livre. Não é possível compreender, pelo menos não como eu o faço, o mundo digital, se



não tivermos clareza em relação ao lugar da concretude na Linguagem e até no mundo ontológico, o mundo das coisas. Mas não vim, no entanto, dizer como pensam as pessoas e nem o que são de fato as coisas, pois seria semioticamente incongruente, mas venho trabalhar com concretudes, sentidos e pessoas.

Vou falar da linguagem e de como a linguagem nos constrói como pessoa, individualmente e em relação a outras, e mesmo em relação a coisas, dentre as quais a própria linguagem.

2. O lápis

No início, era o lápis. E o que é o lápis? Um instrumento de escrita e desenho que permite reescrita e redesenho. Ambas as atividades exigem uma habilidade manual que leva um certo tempo para adquirir, e até muito tempo, dependendo do grau de exigência do escritor/desenhista.

Usar lápis ajuda a reescrever, pois permite apagar o que foi feito, às vezes com marcas discretas da pressão do lápis no papel, na primeira escrita. Dá para apagar a tinta da caneta, mas só com uma fricção que retire a camada do papel manchada com a tinta, deixando rastros muito visíveis. Dá para “deletar” o texto escrito com essa mesma caneta riscando-se o que foi escrito, daí é até covardia falar em rastros... Mas alguns tipos de canetas são solúveis em água, você poderia apagar o que escreveu molhando o papel. Deixa manchas mais suaves, mas deforma a maioria dos papéis.

Já deletar um texto no computador não deixa marcas visíveis a não ser que se deseje e o software permita configurar o registro e a mostra das alterações; ou seja, no meio digital o processo de reescrita é mais facilmente perdido do que guardado.

No início, tínhamos papel e lápis. Falo, inclusive, daquela sala de aula da escola primária municipal de uma cidade do interior onde estudei, na qual as crianças, umas assustadas, outras orgulhosas, outras indiferentes, para dizer o mínimo, sentam-se em carteiras de madeira para começar a aprender a escrever. Lá fora fica a hora do recreio, fica a volta para casa, ali dentro fica a folha de papel, o lápis e a professora.

A institucionalização da escola e, conseqüentemente, da escrita, tornou a escrita um

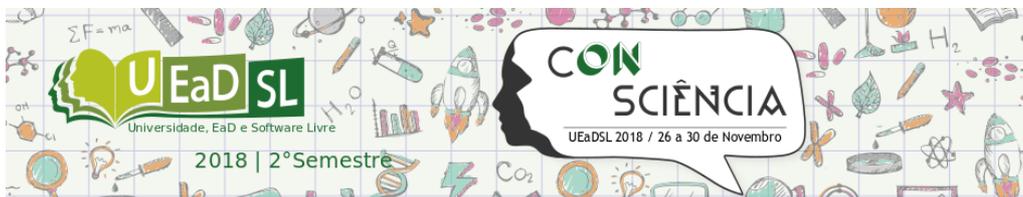


ato desvinculado da vida. Mesmo que, antes da escola, estivéssemos envoltos nessa escrita por todos os lados – e nos dizem os cientistas da educação: quanto mais a escrita faz parte da vida da criança, maior a facilidade de aprendizagem – a professora – sim, sexista e realista – trabalha, em geral, como se não houvesse lápis nem papel nem escrita nem leitura antes daquele fatídico primeiro dia de escola.

Ah, felizmente são muitos os profissionais da educação que buscam outras formas de pensar, que querem trazer o mundo da criança para a sala de aula, que querem levar a escrita para a vida, que questionam seu lugar para criar novas experiências e gerar novas expectativas. Mas vamos voltar para a imagem fria e desconectada do papel e do lápis para entender seu lugar na linguagem.

A produção de sentido, que vamos chamar de semiose (GREIMAS & COURTÉS, s/d), acontece no momento em que uma ideia é expressa, ou seja, pela união – ou seria melhor dizer fusão? – de um conteúdo (a ideia) com uma expressão (a fala ou a escrita). Isso é tão verdade que um não existe sem o outro, o conteúdo, no sentido linguageiro é sempre conteúdo de um texto, e a expressão é sempre expressão de um conteúdo, assim como os dois lados inseparáveis de uma folha de papel (HJELMSLEV, 1968).

Então a folha de papel é a expressão de um conteúdo? Não necessariamente e não exclusivamente: uma folha de papel em branco num maço de 500 folhas de papel em branco não expressa algo. Não é nada além de mídia, mídia vazia. A gora, se eu pedir a dois estudantes que escrevam algo numa folha com o lápis e um me entregar a folha em branco e o outro a folha com seu nome escrito, as duas são expressões de conteúdos diferentes. A primeira, a folha de papel em branco, significa pela falta – e é o contexto externo à folha que garante esse sentido – e a segunda significa pela presença de outro item do plano de expressão, a marca preta do lápis contra a folha clara, organizada de tal forma a remeter a uma linguagem específica – a língua escrita – e a um conteúdo específico – o nome, ou seja, a primeira identidade social.



3. O verbo: dessemantização e ressemantização

No ir e vir de nossos aprendizados e crenças, o sentido das coisas não está nas coisas, é socialmente construído, nem que seja por uma sociedade de um homem só. Minha cachorrinha também faz isso e é um ótimo exemplo pela simplicidade. Sempre que possível, na hora do café da manhã, eu corto pedacinhos de pão e vou dando a ela e seu companheiro, lentamente, enquanto tomo meu café. Basta eu sentar que ela se senta a meu lado, abanando o rabo e esperando, ansiosa. No final, junto os farelos de pão, coloco no prato, divido em duas partes e levo lá fora para colocar nos pratos deles. Esse ritual deu a ela vários sentidos para o café da manhã e cada uma de suas etapas. Por exemplo, se eu sentar e não der logo o pão, às vezes distraída conversando, ela bate levemente na minha perna até conseguir chamar minha atenção, e me ensinou assim que este é o sinal para: “cadê meu pão?”. Eu, muito bem adestrada, dou então o pão para ela. Se eu passar a mão na mesa colhendo farelos ou, ainda, demorar a cortar os pedacinhos, ela corre para fora: para ela, esses são sinais de “está na hora de comer no prato”. Se não acabei, preciso chamá-la, e ela volta relutante.

Tirar o farelo da mesa com a mão foi um ato dessemantizado a minha vida inteira. Nunca me ocorreu que isso pudesse significar algo além de “limpar a mesa”. Evidentemente minha cadela não explicou que isso faz um ruído que ela consegue ouvir e que eu sempre faço isso antes de levar o pão para os pratos deles (modo como imagino que ela interprete o gesto). Longe de mim achar que sei tudo sobre cachorros, mas acredito que tampouco ela tem consciência disso. A questão é que, por haver uma relação de um sujeito com outro (eu e ela), criou-se um acordo baseado em sentidos e entendimentos individuais que foram sendo passados de um a outro até criar uma linguagem da qual a semiose do café da manhã é apenas uma parte.

Desse exemplo temos pelo menos duas observações a explorar. Em primeiro lugar, que fazer sentido depende de um acordo tácito, depende de fideducia, depende de conhecer a linguagem, depende de reconhecer que ela não é estática e nem



exatamente a mesma com os mesmos sentidos para cada sujeito do processo comunicativo. Eu sei que jamais terei conhecimento completo do que significa cada ato da minha cadela nesses rituais, e nem como exatamente ela interpreta os meus, mas sei que conheço o suficiente para que façamos esse jogo e possamos prever o que cada ato comunicativo pode gerar (ação ou comunicação).

Comunicação é processo, é movimento, é fluxo e está sujeita a alterações múltiplas, de toda ordem, o tempo todo: mesmo assim, nos comunicamos, pois sabemos de antemão as possibilidades e desempenhamos uma interpretação flexível, adaptável a cada informação trocada, como mostra o meu esquema de comunicação preferido, aquele proposto por Ignácio Assis Silva em sua tese de doutorado (SILVA, 1972).

Passar a mão na mesa para colher farelos, como eu já disse, sempre foi um movimento dessemantizado para mim. Ao criar um ritual do pão com meus cachorros, dei a eles a chance de encontrar padrões (atratores) que puderam interpretar, cada um a seu modo. Somente a cadela observa esse meu gesto de juntar farelos e provavelmente ela também observa outros que eu nem noto que faço. Se existem gestos que ela observa e eu faço sem notar, isso significa que para mim eles são dessemantizados, enquanto para ela produzem sentido, assim como o gesto de juntar farelos significa para mim e para ela, mas não significa nada para o macho. Assim, é possível afirmar que a semantização e a dessemantização fazem parte do processo comunicativo, mas não só: nem toda vez que junto farelos na mesa isso faz parte de uma comunicação com minha cadela.

Ainda faço isso dessemantizadamente, seja por estar cantando uma música que está tocando no rádio, seja por estar muito envolvida numa conversa com alguém na mesa, seja por não estar com a cachorrinha no ambiente. É por isso que insisto que o sentido não faz parte das coisas, faz parte das relações, que o reconstroem a cada vez que o utilizam.



4. Conclusão

É tão mais trabalhoso produzir sentido quanto mais distantes os códigos linguageiros de cada ator envolvido na relação. Quando não há a relação, o mesmo gesto não precisa fazer sentido, e isso é ótimo, pois não conseguimos nos preocupar o tempo todo com 100% de cada gesto ou som que produzimos. Pela dessemantização, tornamos o mundo que percebemos mais plano e, assim, os atratores são muito mais fáceis de perceber e lidar. Desse modo, a dessemantização é tão indispensável à aprendizagem quanto a ressemantização.

Referências

GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução Alceu D. Lima, Diana L. P. Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignácio A. Silva, Maria J. C. Sembrá, tieko Y. Miyazaki. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.

HJELMSLEV, Louis. *La structure fondamentale du langage. Prolégomènes a une theorie du langage*./Anne-Marie Léoard (trad.). Paris: Minuit, 1968.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre*. Coleção Texto Livre: Pensemeando o mundo. João & Pedro Editores: Campinas, 2018. (no prelo, versão online disponível em novembro/2018).

SILVA, Ignácio A. *A deixis pessoal*. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1972.